

Guilherme atrai à sua corte os tradutores Aristipo de Catânia e Eugênio de Palermo. Frederico II, da dinastia dos Hohenstaufen, figura, com o seu livro sobre falcoaria, na galeria da ciência natural árabe. Encontramos, em seu círculo, eruditos, cortesãos e funcionários islâmicos. Estipendava também poetas árabes e colecionava livros árabes para a Universidade de Nápoles. O ideal do monarca amigo das musas dominou tanto a cultura hispano-islâmica como a abássida e a romana imperial. O paralelo estende-se até ao *Espelho de Príncipes*.³⁰ Mas o ideal do *imperator literatus* aparece também na forma do soberano erudito, com o cognome de *El sabio, le sage, der Weise* (isto é, o douto).

Diz-se de Frederico I (*Friderici Gesta Metrice*, 59 e seg.):

*Cui geminum munus dederat Natura biformis:
Ut fortis sapiensque foret, mirandus utroque.*³¹

Assim Dante glorifica a Guido Guerra:

*Fecce col senno assai e con la spada.*³²

Macbeth diz sobre Banquo:

*... In his royalty of nature
Reigns that which would be fear'd: 'tis much he dares,
And, to that dauntless temper of his mind,
He hath a wisdom that doth guide his valour
To act in safety.*³³

6. ARMAS E CIÊNCIAS

Sob a forma de ensino sobre o ideal cortesão (Castiglione) o "topos" *sapientia et fortitudo* chegou à Renascença. Um brilhante episódio da epopéia de Boiardo é a conversação noturna sobre armas e ciências (*Or-*

30. No século XII, João de Salisbury encarece a necessidade da educação literária dos príncipes. Disse o rei de Roma, Conrado III: *quia rex illiteratus est quasi asinus coronatus*, ("porque o rei inculto é como um asno coroadado." T. da R.) dito atribuído também a outros príncipes; ver H. Brinkmann, *Entstehungsgeschichte des Minnesangs*, 1926, 19, nota 1. — Elogio do rei "filosofante" em Gottfried de Viterbo (Jos. Röder, *Das Fürstenbild in den ma. Fürstenspiegeln...* Diss. Münster, 1933, 29). — Interessantes pontos de comparação oferecem os *Studien zur Geschichte der älteren arabischen Fürstenspiegel* de Gustav Richter, 1932. — Cf. também E. Booz, *Die Fürstenspiegel des Mittelalters*, Diss. Freiburg, 1913, 28 e 35.

31. "A Natureza biforme outorgou-lhe dupla dádiva: tornou-o valente e sábio, admirável em ambas as virtudes." (T. da R.)

32. "Fez muito com o engenho e com a espada." (T. da R.) (*Inf.* 16, 39).

33. "... Em sua natureza real reina o que se deve temer; sua ousadia é grande e, além dessa têmpera intrépida da alma, tem uma sabedoria que orienta o seu valor e o leva a agir com segurança." (III, 1.) (T. da R.)

lando *Innamorato*, I, 118). Em Ariosto é evocado o tema (20, 12), bem como em Rabelais (*Pantagruel*, cap. 8). Spenser o traz em *Faerie Queene* (II, 3, 4) e em *The Shepherdes Calendar* (October, versos 66 e segs.). À medida que se diferenciam, de um lado, as ciências, e de outro, os tipos e os ideais da sociedade, surge a questão: quais as ciências que se ajustam ao tipo ideal representativo da camada social então dominante? A literatura francesa do século XVII aborda a questão de várias maneiras. Molière escarnece das mulheres sábias, como dos homens de espírito, marqueses e burgueses, que estudam filosofia. Opina Saint Evremond *sur les sciences où peut s'appliquer un honnête homme* e acha acomodadas à sua posição social somente a moral, a política e as belas-letras.³⁴ Com pesar verifica La Bruyère: *chez nous, le soldat est brave, et l'homme de robe est savant; nous n'allons pas plus loin. Chez les romains l'homme de robe était brave, et le soldat était savant; un Romain était tout ensemble et le soldat et l'homme de robe* (*Caractères, Du Mérite Personnel*, 29).

Nunca, em parte alguma, a união da vida intelectual e guerreira se realizou tão brilhantemente como na florescência da Espanha dos séculos XVI e XVII: basta recordar Garcilaso, Cervantes, Lope e Calderón. Todos foram poetas, que prestaram também serviços de guerra. Nem a França (com a exceção de Agripa d'Aubigné, que, porém, escrevia *invita Minerva*), nem a Itália oferecem algo de semelhante. É, pois, compreensível que precisamente na literatura espanhola tenha sido muito versado o tema *armas y letras*. Garcilaso escreve: *tomando, ora la espada, ora la pluma* (IIIa. *Écloga*). Se, em seu célebre discurso (I, 37), Dom Quixote reconhece a primazia das armas sobre as ciências, em outras passagens do romance (II, 6) armas e letras são designadas como dois caminhos de igual valor para as honras e riquezas. Depois de Cervantes, Calderón aproveitou o tema. Em seu teatro são numerosos os jovens fidalgos que permutam a vida de estudante pela condição de soldado, a pena pela espada, Minerva por Marte, Salamanca por Flandres (Keil, I, 30 a.) ou que “por gosto escolhem as armas e por passatempo as ciências” (Keil, I, 99 a.).

*O felice tu, o felice
Otra vez a otras mil sea
Imperio, en quien el primero
Triunfo son armas y letras!*

Em vez de “armas e letras”, ocorre também a fórmula “pena e espada”, recebendo novo conteúdo no romantismo francês, sob a impressão da grandeza à antiga de Napoleão. A divisa de Balzac era: *ce qu'il a commencé par l'épée, je l'achèverai par la plume*. Vigny, descendente de classe nobre, que parecia negar a eficácia política do século democrático, insere a pena no seu penacho:

34. *Oeuvres*, 1739, I, 166.

*J'ai mis sur le cimier doré du gentilhomme
Une plume de fer qui n'est pas sans beauté.*

A verdadeira nobreza é a do espírito, não a do sangue ou das armas. Vigny inscreve o seu nome

*Non sur l'obscur amas des vieux noms inutiles,
.....
Mais sur le pur tableau des livres de l'Esprit.*

Com isso chegamos ao *topos* “nobreza do espírito” e “nobreza da alma”. Atualizaram-no para Vigny as revoluções de 1789, 1830 e 1848.

7. NOBREZA DA ALMA

Cada época esclarecida (*Aufklärungsepoche*) reafirma “que a alta estirpe, em si, não garante sentimentos nobres — dependendo a nobreza, na essência, do dinheiro. Existe, todavia, uma nobreza de sentimentos dos homens de bem, independente do nascimento.”³⁵ Disso sabem a sofística, Eurípedes, Aristóteles (*Ret.* II, 15, 3), Menandro (342/1 a 291/0), principal representante da “nova comédia” (*Fragment* 533, Kock). Ao mesmo tempo recomenda o retórico Anaxímenes que, quando não se possa glorificar alguém pelo nascimento nobre, deve recorrer-se ao pensamento de que cada um, que seja bem dotado para a virtude, por isso mesmo teve nascimento nobre. Sêneca o Môço (*Carta* 44, 5) ensina: “O espírito nobilita” (*animus facit nobilem*). Em Juvenal (VIII, 20) encontra-se: *nobilitas sola est atque unica virtus*. Boécio também discute o tema (*Cons.* III, pr. 6). Na literatura medieval o *topos* é muito freqüente.³⁶ Mateus de Vendôme o traz em sua poética entre os *topoi* do proêmio (Faral pág. 116, §§ 27 e 28). Foi discutido na côrte de Frederico II³⁷ e acha-se urdido na comédia *Paulinus et Polla*, de Richard de Venosa, representada perante o rei.³⁸ Naturalmente o tema é discutido na poesia em língua vulgar, entre os trovadores³⁹ e no *Romance da Rosa* (versos 1860 e segs.). Na literatura italiana anterior a Dante e sua contemporânea, o *topos* é um lugar-comum,⁴⁰ renovado na lição de Guido Guinizelli de que o amor só habita em “corações nobres”. O próprio Dante o tratou ainda mais circunstanciadamente

35. W. Schmid, *Geschichte der Griechischen Literatur*, 3 (1940), 695.

36. Provas em Schumann, no comentário a *CB* n.º 4 e *ZRPh* 58, 1938, 213.

37. E. Kantorowicz, *Kaiser Friedrich II. Ergänzungsband*, 129.

38. Ed. Du Méril pág. 410.

39. Ed. Wechsler, *Das Kulturproblem des Minnesangs*, I, 352 e segs.

40. Ad. Gaspari, *Geschichte der italienischen Literatur*, I, 518. — Wilhelm Berges (*Die Fürstenspiegel des hohen und späteren Mittelalters*, 1938) tenta interpretar a conversão de *nobilitas corporis* para *nobilitas mentis* como uma peculiaridade do século XIII, sem perceber que se trata de um *topos*.